

A PAISAGEM RURAL: um estudo de caso em Barbosa Ferraz - PR

LUCIANI, Andréia Cristina¹; COLAVITE, Ana Paula²

RESUMO: Esta pesquisa apresentou como principal enfoque a análise da paisagem do bairro São Joaquim, localizado na área rural do município de Barbosa Ferraz – PR. A análise partiu da concepção de paisagem como sendo resultado da interação entre os elementos da sociedade e da natureza, considerando também os traços culturais materializados pela população no decorrer do período histórico vivido. As atividades desenvolvidas consistiram em: leitura de referencial teórico; mapeamentos temáticos; saídas a campo para obtenção de fotografias e observações da paisagem; entrevistas com pioneiros do bairro; pesquisa de dados históricos; síntese da paisagem. Com o desenvolvimento da pesquisa, verificou-se que a paisagem do bairro passou por inúmeras mudanças desde o início do processo de colonização até os dias atuais, deixando marcas visíveis de tais mudanças.

Palavras-chave: Transformações históricas; Natureza; Marcas; Mapeamento.

THE RURAL LANDSCAPE: a case study in Barbosa Ferraz - PR

ABSTRACT: This research presents the main focus the analysis of the district São Joaquim landscape, located in the rural area of the municipality of Barbosa Ferraz – PR. The analysis from the landscape design as a result of interaction between the elements of society and nature, also considering the cultural traits embodied by the population during the lived historical period. The activities consisted of: theoretical reading; thematic mapping; fieldwork to obtain photographs and observations of the landscape; interviews with neighborhood pioneers; research of historical data; landscape synthesis. With the development of research, checked that the landscape of the neighborhood has undergone numerous changes since the beginning of the process of colonization to the present day, leaving visible marks of such changes.

Key-words: Historical transformations; Nature; Brands; Mapping.

¹Licenciada e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão. E-mail: andreiLuciani@hotmail.com.

²Professora Doutora do Colegiado do curso de Geografia da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão. E-mail: apcolavite@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A definição usual que se tem de paisagem, proferida em especial pela população leiga, é a de que esta constitui sinônimo de natureza, ou seja, um conjunto de elementos naturais intocados pelo homem, ou que ainda sofreram pouca alteração antrópica. Nesta perspectiva, a paisagem é considerada como sinônimo de um lugar belo, com cachoeiras, pássaros, flores, enfim uma composição que agrada ao olhar e desperta boas sensações no estado emocional do observador. Contudo, é necessário compreender que o meio modificado pelo ser humano também constitui uma paisagem, quer expresse um quadro harmônico e agradável, ou não.

Ao longo dos séculos o termo paisagem foi adquirindo novas acepções, passando pelo campo das artes gráficas, no qual as representações da realidade tratavam-se mais da subjetividade dos cultivadores desta arte, deixando de lado a objetividade do real; na arte dos jardins onde de certa forma foi e continua sendo uma expressão da visão de organização paisagística do meio ambiente humano; na literatura tratando-se da decoração artificial, simbólica, mística e alegórica, porém, ganhando mais espaço nos romances principalmente de aventura e regionalistas, e finalmente passou a ser objeto de análise e descrição na Geografia (PASSOS, 1998).

Na trajetória histórica, relativa ao desenvolvimento do conceito de paisagem Passos (1996) expõe que:

A partir do século XIX, o termo paisagem é profundamente utilizado em Geografia e, em geral, se concebe como o conjunto de “formas” que caracterizam um setor determinado da superfície terrestre. A partir desta concepção que considera puramente as formas, o que se distingue é a heterogeneidade da homogeneidade, de modo que se pode analisar os elementos em função de sua forma e magnitude e, assim, obter uma classificação de paisagens: morfológicas, vegetais, agrárias, etc (PASSOS, 1996, p.131).

No Congresso Internacional de Geografia no ano de 1908 La Blache (2008, p. 150) já defendia que *por suas obras e pela influência que exerce sobre ele mesmo e o mundo vivente, o homem é parte integrante da paisagem. Ele humaniza e a modifica de alguma forma. Por isso, o estudo de seus estabelecimentos fixos é particularmente sugestivo [...] eles são os pontos de apoio das modificações que o homem produz sobre a terra.* Percebe-se que La Blache coloca o homem como o elemento principal no processo de modificação e organização das paisagens, sua interferência se traduz através das ações e intervenções econômicas e culturais exercidas ao longo dos tempos no ambiente.

Reforçando o papel dos homens na percepção e existência das paisagens Cauquelin (1981 *apud* PASSOS, 1998, p.47) expõe que [...] *a natureza não é a paisagem.*

De um lado, a natureza existe em si, enquanto que a paisagem existe somente em relação ao homem, na medida em que este a percebe e a elabora historicamente.

A paisagem é dinâmica, tanto no tempo quanto no espaço, é resultado das relações existentes entre um conjunto integrado de fatores (abióticos, bióticos e antrópicos/sociais), estruturas e ligações, sendo que a partir do momento em que o homem começou a se agrupar em comunidades e estas começaram a intensificar suas atividades, aumentando o uso dos recursos naturais, à paisagem deixou de representar apenas seu caráter natural e passou a ser modelada pela cultura do povo que dela se apropriou.

Neste sentido, Corrêa e Rosendahl (2004) apresentam a definição que

[...] a paisagem geográfica apresenta simultaneamente várias dimensões que cada matriz epistemológica privilegia. Ela tem uma dimensão morfológica, ou seja, é um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana, e uma dimensão funcional, isto é, apresenta relações entre as suas diversas partes. Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta sua dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica (CORRÊA, ROSENDAHL, 2004, p.7).

A análise geográfica da paisagem parte do pressuposto de que esta é o resultado da interação entre os elementos naturais em associação aos aspectos sociais, econômicos e culturais, além de nela serem materializados os traços/marcas de uma população e/ou período histórico vivido. Na paisagem encontram-se os subsídios para compreender como as sociedades atuaram sobre a natureza, produzindo diferentes espaços, com variadas finalidades e funções econômicas e sociais. As diferentes formas de interação resultam em paisagens mais ou menos preservadas, alteradas, impactadas ou exploradas.

A paisagem é um produto histórico, na qual estão impressos os conhecimentos e elementos de atividades passadas, entremeadas às formas recentes. Além de ser um produto histórico, a paisagem passa a ser um produto cultural e social. Social, porque a paisagem se cria e recria na relação que a sociedade possui com o território, e cultural, pois, o ser humano é dotado de cultura, e esta é refletida na paisagem local e regional.

O artigo tem como objetivo apresentar os resultados de pesquisa que buscou compreender como a relação de interação entre natureza, sociedade, desenvolvimento econômico e cultura encontram-se interligados na formação da paisagem do Bairro São Joaquim, localizado na área rural do município de Barbosa Ferraz - PR. Para tal buscou-se analisar como a paisagem foi sendo produzida historicamente, considerando a interação dos aspectos físicos, com os aspectos socioeconômicos e culturais locais. A

pesquisa se desenvolveu com base em: aporte teórico; pesquisa documental histórica; entrevistas com pioneiros; trabalhos de campo; observações da paisagem; obtenção de fotografias; e mapeamento.

FORMAÇÃO HISTÓRICA DA PAISAGEM RURAL DO BAIRRO SÃO JOAQUIM, BARBOSA FERRAZ/PR

O Bairro São Joaquim, se enquadra como um dos bairros da zona rural do município de Barbosa Ferraz, Estado do Paraná, localizando-se no setor norte, à oeste do perímetro urbano da cidade, trecho que liga a área urbana de Barbosa Ferraz ao Distrito de Ourilândia, como mostra o figura 1.

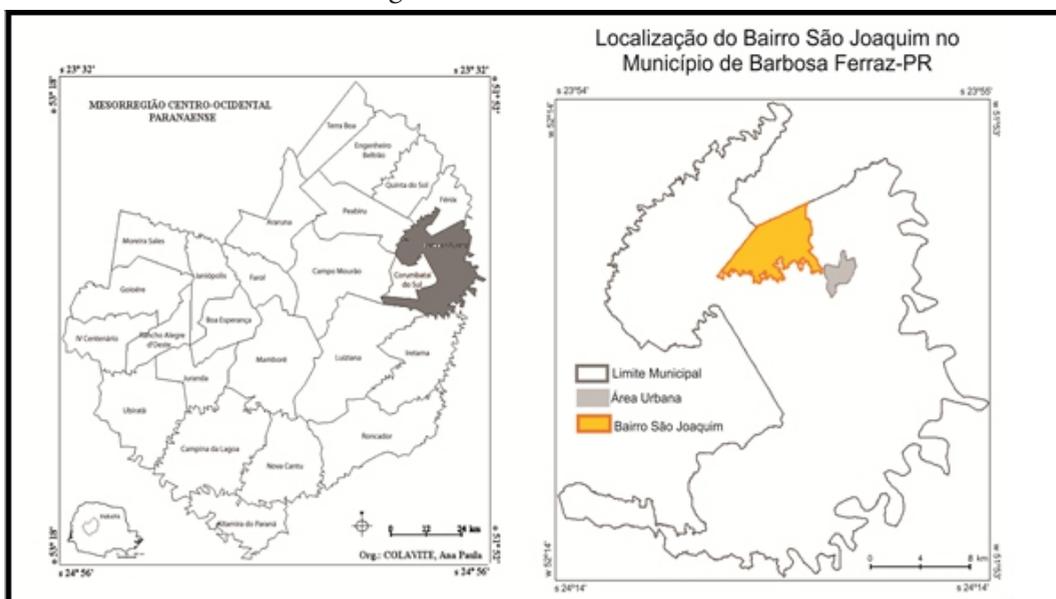


Figura 1: Localização do Bairro São Joaquim
Organizadora: Colavite, A.P. (2011)

A colonização de Barbosa Ferraz principiou no ano de 1948, quando os primeiros loteamentos e vendas de parte das terras ficaram sob a responsabilidade da Concessionária e Imobiliária Paraná Ltda (figura 2), com sede em Londrina. Passou da categoria de Vila à Distrito Administrativo de Campo Mourão pela Lei Estadual nº 2472, de 03 de novembro de 1955. Barbosa Ferraz foi elevado à categoria de município pela lei estadual nº 4245, de 25-07-1960, tendo sido desmembrado de Campo Mourão (PARANÁ, 1960), recebeu o nome em homenagem a um dos primeiros pioneiros, o Major Antônio Barbosa Ferraz. Atualmente o município apresenta extensão territorial de

529 km² e situa-se na Mesorregião Centro Ocidental Paranaense, na microrregião geográfica de Campo Mourão nas coordenadas 24°03' de latitude sul e 51°58' de longitude oeste. Faz limites com os municípios de Campo Mourão, Corumbataí do Sul, Fênix, Iretama, Luiziana, Peabiru e São João do Ivaí.



Figura 2: Concessionária e Imobiliária Paraná Ltda
Fonte: AMBACK, 2010

A cidade de Barbosa Ferraz, no início de seu povoamento, recebeu população vinda de vários estados brasileiros, com maior representatividade os paulistas, mineiros, catarinenses e gaúchos. Seu rápido povoamento fez com que a cidade crescesse e se desenvolvesse, com a economia baseada no trabalho da terra. Neste período, no centro-oeste do Estado do Paraná, a principal atividade agrícola estava vinculada ao cultivo da hortelã, a qual trouxe prosperidade para toda região e também para o município de Barbosa Ferraz, tanto nos aspectos econômicos, quanto na implementação de infraestrutura. Em Barbosa Ferraz, nesta fase, registrou-se elevado crescimento do índice populacional, chegando a somar 70.000 habitantes, muitos dos quais se ocupavam com o manejo da hortelã, que demandava um grande contingente de mão de obra, figuras 3A e 3B.



Figura 3: A – representação de um alambique de Hortelã em Barbosa Ferraz; B – Sistema de transporte da hortelã até o alambique.

Fonte: AMBACK, 2010

O processo de colonização do bairro São Joaquim teve início no ano de 1957, período no qual viviam poucos moradores em meio às florestas nativas, segundo relatos de pioneiro do bairro³, no ano de 1957 na área podia-se observar a grande presença de mata nativa e apenas algumas clareiras abertas onde haviam moradores, o mesmo relatou que a área foi aberta pelo engenheiro espanhol Ludovico e seus dois filhos Gilberto e Alexandre, que também deram o nome ao bairro.

Durante o período no qual a atividade hortelaneira passou a ganhar destaque no Estado do Paraná, a população do município de Barbosa Ferraz começou a aumentar e consequentemente a população do bairro São Joaquim também cresceu, segundo relatos do pioneiro supracitado chegou a somar aproximadamente 400 pessoas. Com o aumento da população várias instalações de infraestruturas passaram a ser construídas no bairro, tais como: armazém de secos e molhados; escola; bar; engenho de cana-de-açúcar; alambique de hortelã; dentre outras que interferiram diretamente na dinâmica local.

Ao discutir o desenvolvimento do cultivo da hortelã no estado do Paraná, Backes (2008) coloca que

Foi uma atividade econômica que se iniciou nas pequenas propriedades e que proporcionava, segundo muito se diz, lucratividade aos proprietários rurais. Pois as terras que estavam sendo desmatadas ou recém-desmatadas apareceram como as ideais para esse tipo de cultivo agrícola, tendo em vista que a hortelã se caracterizou como uma atividade de “desbravamento” por ser desenvolvida em terras recém-desmatadas e ainda virgens, portanto, férteis (BACKES, 2008, p. 02).

³ Foi entrevistado o Sr. José Luciani, um dos pioneiros mais antigos do bairro e o único que ainda residia no mesmo no ano da entrevista (2011).

O cultivo da hortelã foi fundamental para o desenvolvimento socioeconômico de Barbosa Ferraz. Naquela época, o óleo da hortelã, rico em mentol, era importante para a indústria farmacêutica, de higiene e de tabaco. Entre os anos de 1940 e 1960, o Brasil participava com 63% a 80% da produção mundial da hortelã, e o Estado do Paraná, nessas décadas, respondia por 95% da produção brasileira (AMBACK, 2010).

Cabe destacar que a atividade hortelaneira era considerada uma cultura transitória, que se mobilizava de uma região à outra, tendo entrado no Brasil primeiramente no estado de São Paulo, na década de 1930 e na sequência (meados da década de 1950) seguiu em direção ao norte estado do Paraná e aos poucos chegou ao centro-oeste. Referida mobilidade era característica do cultivo, uma vez que era considerado um cultivar que *só produz em terras recém desbravadas e por um período de 3 a 4 anos* (FUNDAÇÃO IPARDES, 1977, p.10).

Depois de fundada a atividade hortelaneira no Paraná, o principal cultivar desenvolvido foi o do café. Segundo Cancian (1981), o fenômeno da cafeicultura no Estado foi reflexo e continuação da 'marcha para o Oeste', promovida pelos paulistas, quando suas terras já estavam tornando-se escassas e supervalorizadas. Entretanto, a cafeicultura não chegou a se consolidar em todo o estado, pois ainda no final da década de 1960 e de forma mais intensa na de 1970, de acordo com Moro (2001), o ciclo do café começou a entrar em declínio especialmente pelo fato das constantes geadas, queimando constantemente os cafezais.

Cabe salientar que, as frequentes geadas foram apenas um dos fatores que interferiram no declínio da cafeicultura, sendo que o fator decisivo foi o novo modelo de agricultura moderna que passava a ser incorporado no território brasileiro. Neste período, o cenário agrícola assume outras dimensões, priorizando o cultivo de grãos e o aperfeiçoamento e inserção de instrumentos de trabalho da terra. Com o advento da agricultura mecanizada ocorreu o êxodo rural em muitos municípios do interior do estado do Paraná, refletindo também na dinâmica populacional do bairro São Joaquim, que apresentou alta perda de população.

A paisagem rural ao longo dos anos foi se modificando e ganhando novas características, especialmente com o advento da modernização agrícola. Nos espaços onde a agricultura era baseada somente em técnicas manuais e voltadas à renda familiar, passou-se a ganhar espaço as máquinas agrícolas, substituindo a mão de obra do trabalhador rural. As pequenas propriedades agrícolas foram sendo adquiridas por proprietários capitalizados, e aos poucos sendo anexadas, formando médias e grandes propriedades. Algumas marcas das atividades agrícolas e do dinamismo do passado ainda se fazem presentes, entremeadas à paisagem atual do Bairro São Joaquim e são descritas no tópico da sequência.

A PAISAGEM RURAL DO BAIRRO SÃO JOAQUIM: dinâmicas naturais e marcas culturais

A paisagem é um produto humano que carrega traços da história e da cultura dos povos que a moldaram. Nesta perspectiva, a paisagem acaba se tornando a identidade de um povo, que se revela em diferentes dimensões no território. Na concepção de Almeida et al (2011, p. 29) *a paisagem testemunha a aventura do homem na superfície da terra e qualquer marca por ele introduzida significa um diferente valor cultural.*

Tratando especificamente das particularidades das paisagens rurais, Cavaco (2005) expõe que:

[...] as paisagens rurais resultam do encontro entre o meio natural, a densidade agrícola, o tipo de sociedade, o povoamento, a morfologia agrária, o sistema de cultura e a criação de gado e as técnicas de cultivo. São paisagens sempre muito variadas, pela diversidade da agricultura, regional e no quadro das próprias explorações, mas também em relação com a diversidade de atividades, de populações e de funções do espaço e suas dinâmicas (CAVACO, 2005, p. 78-79).

As paisagens rurais são pouco a pouco construídas, a partir da transformação da natureza, porém essas paisagens guardam em suas características muito mais do natural se comparado às paisagens totalmente urbanizadas. Considerando que a paisagem é resultado das relações entre sociedade e natureza, no Bairro São Joaquim, é possível observar que o relevo é um dos elementos físicos de maior impacto nas relações de uso da terra local e acabam por definir os tipos de usos agropecuários na atualidade, pois tendo como base esse elemento do meio físico tem-se a possibilidade ou não de mecanização da agrícola.

Com intuito de contribuir com a análise correlacionada da paisagem foram construídos os mapas hipsométrico (figura 4), de declividade (figura 5) e a carta-imagem com uso da terra (figura 6). Na sequência, os mapas são analisados a partir dos dados que representam, em associação à observações de campo e fotografias da paisagem. Cabe destacar que as localidades onde o trabalho de campo foi realizado estão indicados nos mapas pela numeração sequencial de 1 a 7.

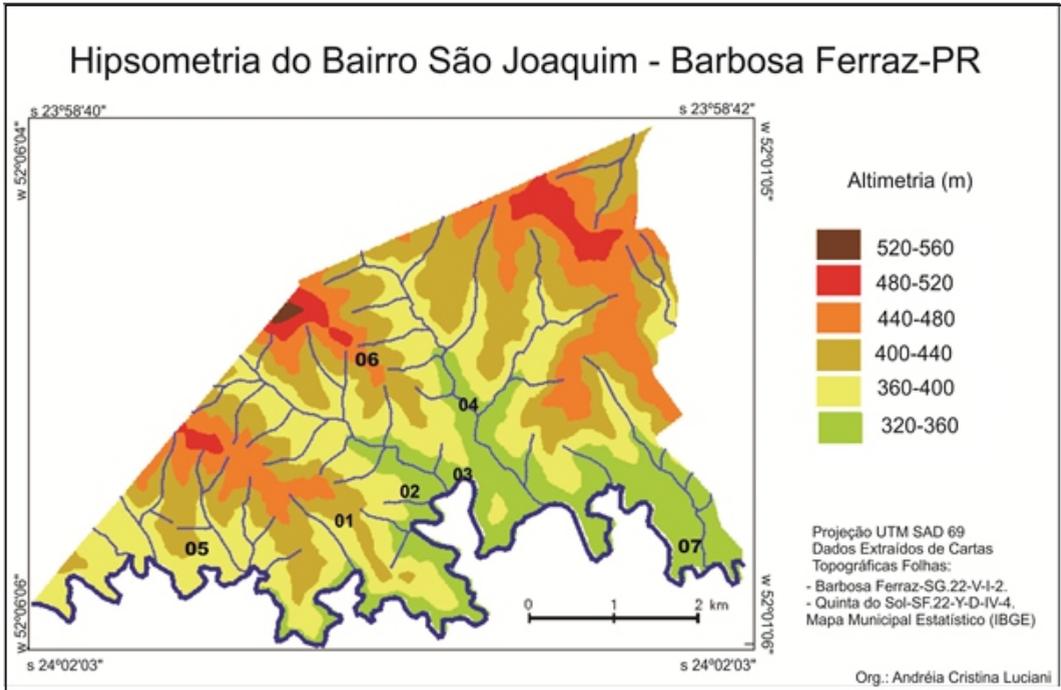


Figura 4: Mapa Hipsométrico do Bairro São Joaquim, Barbosa Ferraz-PR

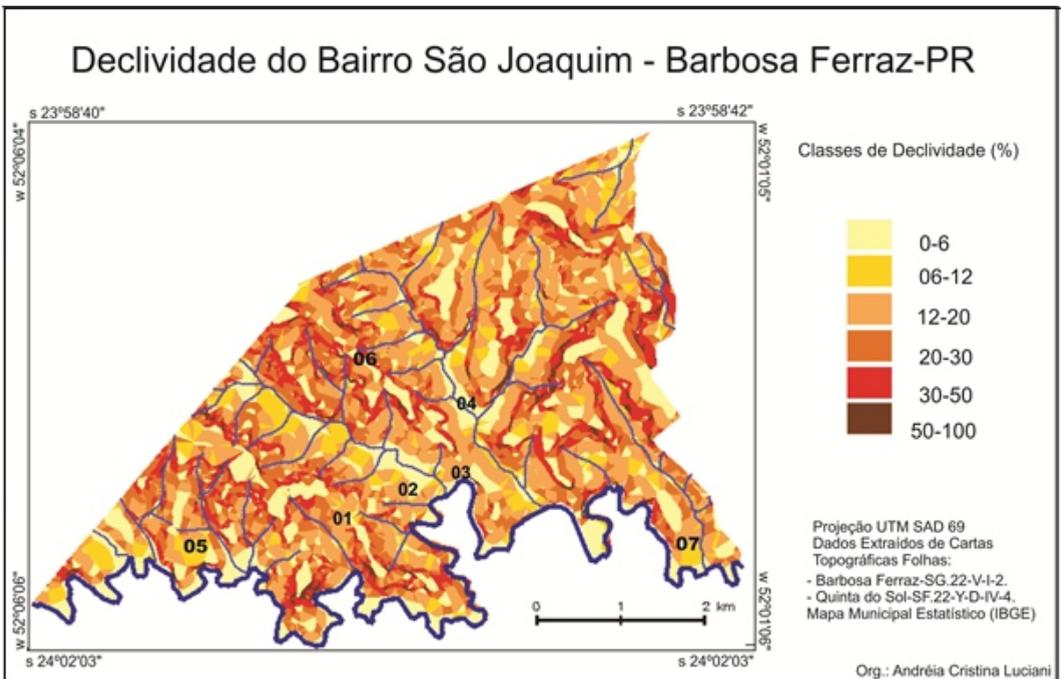


Figura 5: Mapa de Declividade do Bairro São Joaquim, Barbosa Ferraz-PR

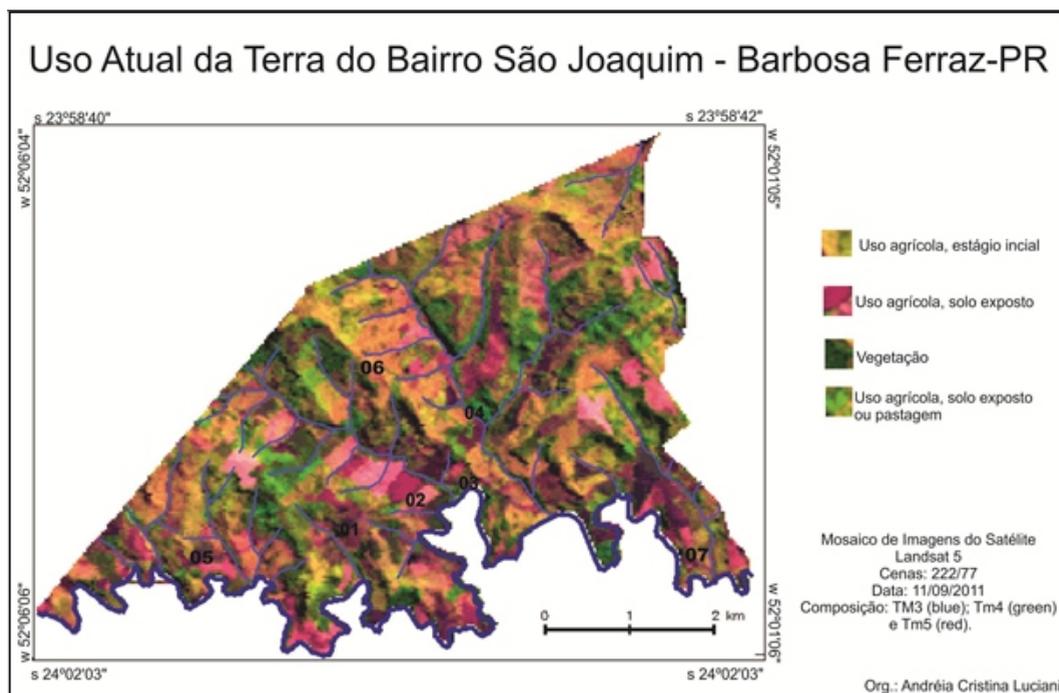


Figura 6: Carta-imagem do Bairro São Joaquim, Barbosa Ferraz-PR

O ponto 1 localiza-se próximo a um córrego de ordem 1, afluente direto do rio São Joaquim, há uma altitude média de 400m e representa uma área com medianos índices de declividade (12 à 20%). Referida classe de declividade é a de maior dominância no bairro (32,72% da área total), à qual é atribuída a mediana fragilidade ambiental e sua ocorrência está evidente especialmente nas médias vertentes.

No ponto 1 foi observado o uso misto da terra, inclusive com a presença de uma pequena área de cultivo de café e um barracão de sericultura abandonado, figuras 7A e 7B. Com relação ao cultivo de café, este não apresenta a finalidade comercial sendo destinado apenas ao consumo familiar, constitui uma marca cultural do processo histórico desta cultura agrícola, sendo recorrente na paisagem do bairro sua permanência nos quintais das residências.

Já a sericultura (popularmente conhecida como criação do 'bicho da seda'), teve grande papel na dinâmica socioeconômica local, em meados de 2005, tendo sido considerada a principal fonte renda dos moradores do bairro nesta fase, contudo perdeu expressividade no cenário paisagístico local por ser uma atividade que demanda muita disposição de tempo, esforço físico e mão de obra e com o valor que estava sendo pago aos criadores, a criação não estava sendo rentável, diante dos gastos com a produção.



Figura 7: A – Cafeicultura para uso doméstico, uma forma de representação cultural de um período passado; B – Estrutura de um barracão de sericicultura abandonado.

Fonte: LUCIANI, Andréia Cristina. 2011.

O ponto 2 situa-se na faixa hipsométrica de altitudes mais baixas (320 – 360 metros), entre as margens do rio São Joaquim e um pequeno afluente deste. Com relação à declividade, este ponto foi obtido em uma área plana, com declividades de 0 a 6% (baixíssima fragilidade ambiental), entremeadas as classes de 6 a 12% e 12 a 20% (baixa e média fragilidade consecutivamente).

Associado à baixíssima fragilidade do terreno temos o uso agrícola intensivo, com cultivos temporários, figuras 8A e 8B, de acordo com o período do ano são cultivados soja, milho, trigo ou aveia (forragem). Áreas de preservação são encontradas nas margens dos rios, especialmente na forma de florestas ciliares; e em segundo plano nas fotografias, nas vertentes um pouco mais declivosas, o uso é misto, sendo visível áreas de pastagem.



Figura 8: A – agricultura mecanizada, com áreas preservadas (2º plano); B – agricultura mecanizada, cultivos temporários com área de preservação no entorno do rio e uso misto (2º plano).

Fonte: LUCIANI, Andréia Cristina. 2011.

O ponto número 3 foi obtido nas margens do rio São Joaquim, à um altitude média de 340 metros, com presença de altos índices de declividade na baixa vertente, sendo encontrado inclusive a classe de 50 a 100% (esta considerada como área de preservação pela legislação brasileira e está presente em apenas 2% da área total do bairro). Nas figuras 9A e 9B é possível visualizar que se trata de uma área onde o rio é encascado, percorrendo seu curso sobre rochas basálticas, o entorno do rio encontra-se protegido pela floresta ciliar.

A montante das cascatas, no rio São Joaquim, no ano de 1963 o Sr. Osvaldo Conceição construiu uma barragem (figura 9C) com a finalidade de gerar energia para mover um moinho de farinha em sua propriedade, onde produzia farinha e fubá. A construção desta barragem se deu através de explosões da rocha com dinamites para que a mesma ficasse nivelada. O moinho, contava com uma infraestrutura considerada boa para a época, e possuía dois fornos para fazer a farinha, apresentava ainda um canal que conduzia a água que movimentava o 'rodão' de aproximadamente sete metros de altura e desta forma produzia a energia suficiente para as atividades. As ruínas do moinho ainda estão presentes na paisagem local como marcas desse processo histórico (figuras 9D e 9E).

Apesar da geração de energia ter como principal finalidade uma atividade econômica, toda essa infraestrutura influenciou sobremaneira a vida da população do entorno, pois a energia elétrica excedente também serviu para abastecer algumas casas, como foi o caso da família do Sr. José Luciani que era vizinho de sítio do Sr. Osvaldo que lhe cedeu energia elétrica.

A paisagem local, do entorno deste ponto, é também composta de um misto de histórias que constantemente lembradas pelos moradores locais, além das atividades econômicas, alguns fatos trágicos foram citados pelo Sr. Francisco, dentre eles o de um rapaz que morreu afogado na cachoeira e provocou grande comoção, pois seu corpo não foi encontrado. Segundo o entrevistado, no moinho também foram registrados acidentes graves, como a de uma senhora que costumava ir pescar no rio todos os dias e passava no trecho onde tinha o moinho, porém um dia ao passar por baixo de um eixo de transmissão, que conferia velocidade para movimentar as máquinas do moinho, seu cabelo, que era muito comprido e estava feito uma trança, enroscou no eixo, presa ao eixo seu corpo deu uma volta e a jogou longe, lhe arrancando todo o seu cabelo, contudo, isto não a levou a morte. Esses fatos demonstram que uma paisagem é repleta de simbologia e memória, capazes de levar o observador a reviver sentimentos do passado.

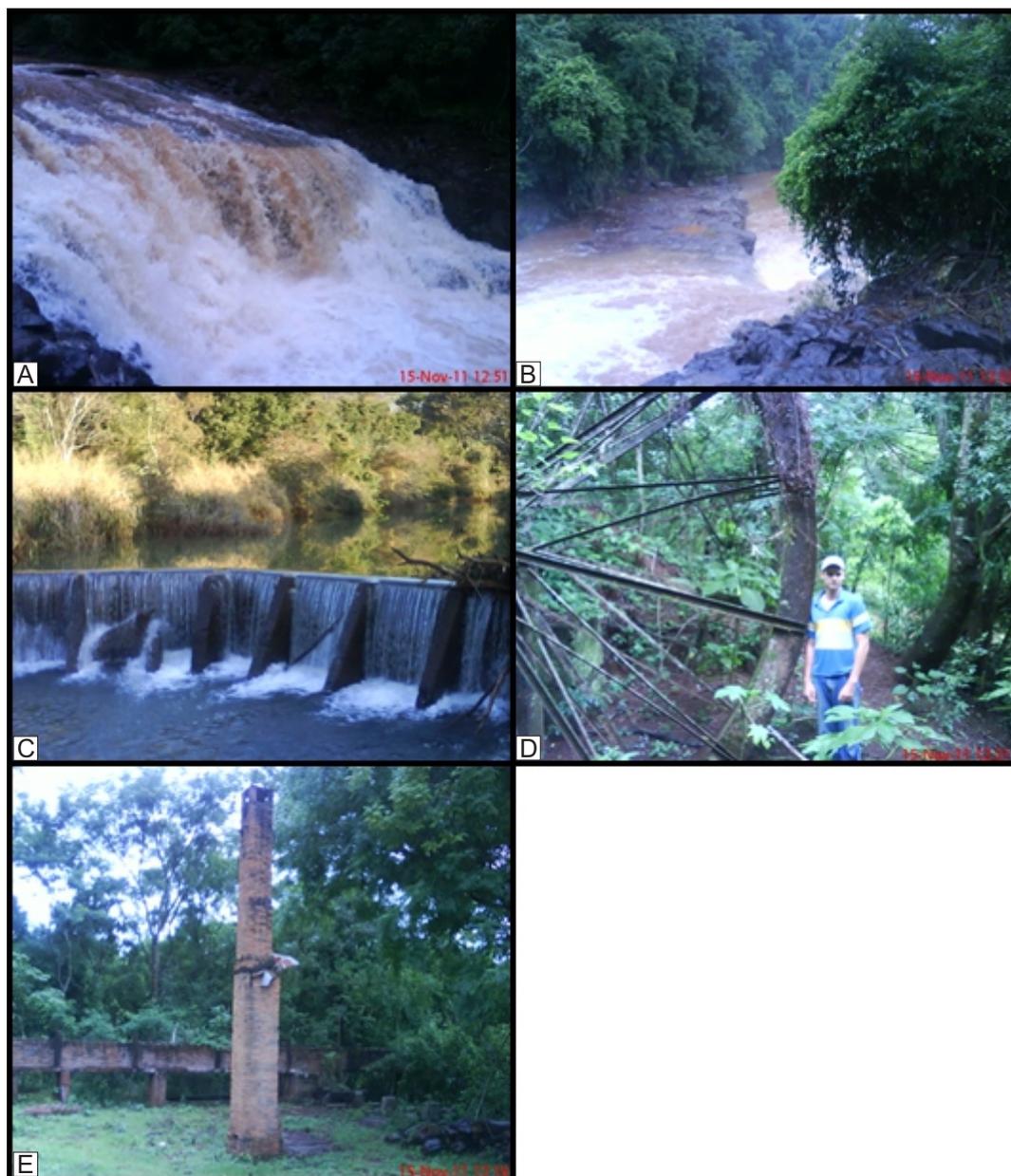


Figura 9: A – Trecho escarpatado do curso do rio São Joaquim; B – Rio percorrendo seu curso sobre rocha basáltica, as margens protegidas pela floresta ciliar; C - Represa construída à montante da cascata (A), suas áreas eram utilizadas para movimentar a roda (D) e produzir energia; D - Roda d'água com aproximadamente 7 metros de altura; E - Ruínas do antigo moinho de trigo, a chaminé que dispersava a fumaça dos fornos e o canal que transportava água do reservatório (C) até a roda (D).

Fonte: LUCIANI, Andréia Cristina. 2011.

O ponto 4 foi registrado na bacia hidrográfica do córrego do Lino, nas proximidades do canal principal, sendo esta uma importante sub-bacia no contexto local. Apesar de possuir uma declividade baixa de 0 a 6% no interflúvio e no entorno na baixa vertente, os terrenos das media e alta vertentes são mais declivosos, com presença recorrente de índices entre 20 e 50% (média e alta fragilidades). Com relação ao uso da terra (figuras 10A, 10B, 10C e 10D), observa-se um misto entre: áreas de preservação no entorno dos canais de drenagem; florestamento de eucalipto; e o predomínio de áreas de pastagem; com relação às moradias é recorrente na paisagem casas fechadas e parcialmente abandonadas, indicando que outrora o bairro apresentou uma dinâmica populacional mais intensa do que a da atualidade.



Figura 10: A – área de pastagem com presença de preservação no entorno dos rios; B – florestamento de eucalipto; C – Manguieira para gado; D – Casa parcialmente abandonada.

Fonte: LUCIANI, Andréia Cristina. 2011.

O ponto 5 localiza-se no setor sudoeste da bairro rural, em altitude aproximada de 400m, apresenta declividade predominante de 6 a 12%, a qual é considerada como de

baixa fragilidade ambiental, porém com algumas áreas um pouco mais declivosas e relevo suave ondulado (figuras 11A, 11B, 11C e 11D). Conforme pode-se observar nas figuras citadas o uso da terra é misto apresentando: áreas agrícolas mecanizadas, nas áreas mais planas localizadas na média e baixa vertentes; pastagens nas áreas mais declivosas, com presença de árvores espalhadas e pequenos bosques; preservação ambiental – floresta ciliar no entorno dos rios.



Figura 11: A – agricultura mecanizada na área mais plana e pastagem no segundo plano; B – uso misto de agricultura mecanizada e pastagens com presença de árvores espalhadas; C – área de preservação no entorno do rio - floresta ciliar; D – relevo suave ondulado com uso misto de agricultura mecanizada, pastagem e áreas de preservação.

Fonte: LUCIANI, Andréia Cristina. 2011.

O ponto 6 constitui o ponto mais alto de observação da paisagem, neste trabalho de campo, entre a cota de 440 e 480 metros, no divisor de drenagem das bacias hidrográficas do Córrego do Lino e Água da Mafalda. A declividade é diversificada, com áreas planas no interflúvio (0 a 6%) e superiores a 20% de inclinação do terreno nas vertentes. O uso da terra é misto, considerando a visualizado do ponto de observação até a linha do horizonte, como pode-se observar nas figuras 12A e 12B. Destacam-se a

presença e o predomínio das áreas de pastagem, com existência de bosques entremeados, sendo evidentes também algumas áreas de agricultura mecanizada e preservação ambiental no entorno dos rios.



Figura 12: A – área de pastagem com presença de bosque, no horizonte uma paisagem mista; B – uso misto de agricultura mecanizada e pastagens com árvores espalhadas e bosques.

Fonte: LUCIANI, Andréia Cristina. 2011.

O ultimo ponto de observação da paisagem localiza-se na área mais baixa do bairro São Joaquim, com cota aproximada de 330 metros. O relevo é de plano a suave ondulado, com predomínio de declividades baixas, exceto na vertente orientada ao rio São Joaquim, onde são encontrados índices superiores à 30% de declive. Assim como nos demais pontos, nesta localidade a paisagem é mista com predomínio de agricultura mecanizada e presença de pastagens (figuras 132A e 13B), um diferencial é a presença de um haras para criação, treinamento e competição com cavalos.

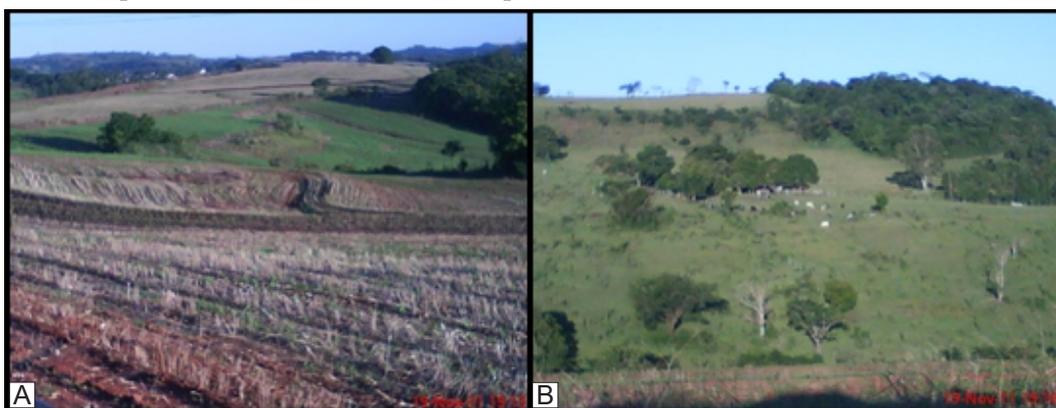


Figura 13: A – relevo suave à suave ondulado com área de agricultura mecanizada; B – área de pastagem com árvores espalhadas e presença de área de preservação.

Fonte: LUCIANI, Andréia Cristina. 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem é um produto histórico, ao mesmo tempo social e cultural. Social, porque a paisagem se cria e recria na relação que a sociedade possui com o território, e cultural, pois, o ser humano é dotado de cultura, e esta é refletida na paisagem local e regional. Na paisagem local do bairro São Joaquim, se pode perceber através desta análise como os elementos físicos caracterizam a paisagem, e também a influência dos aspectos históricos na sua construção.

A construção da paisagem do bairro se iniciou quando os primeiros moradores ali chegaram, em um momento no qual só existiam as florestas nativas, que aos poucos foram sendo desmatadas para dar espaço para as famílias se fixarem e viverem do cultivo da terra. Com o advento da hortelã, e posteriormente o ciclo do café, a população do bairro teve um grande e rápido crescimento. Com este aumento populacional o bairro foi adquirindo novos estabelecimentos de infraestrutura como escola, armazém de secos e molhados, bar, enfim estruturas que pudessem atender os moradores sem que eles precisassem se deslocar até a cidade.

Com o declínio da hortelã e posteriormente do café, a agricultura foi se aprimorando, incorporando novas técnicas de cultivo, não necessitando mais em elevada escala de mão-de-obra braçal. Como uma das conseqüências do advento da agricultura mecanizada tem-se o êxodo rural, e foi justamente isto que aconteceu no bairro São Joaquim. A população que ali residia ao vivenciar a falta de emprego, migrou para outras cidades e Estados do país, deixando no bairro suas marcas, como exemplo as casas atualmente abandonadas, que contribuíram para a construção da paisagem inicial do bairro São Joaquim.

Além dos aspectos humanos também temos os aspectos físicos. Por ser uma área que apresenta diferentes níveis de declividade, o bairro São Joaquim, tem seu uso e ocupação da terra mesclando a agricultura mecanizada com as pastagens, e alguns usos (criações) de secundária importância na dinâmica da paisagem. As áreas com maior declive geralmente são utilizadas para a criação de gado, e aquelas áreas com uma declividade menos acentuada utiliza-se para a agricultura.

A área do bairro São Joaquim tem uma hidrografia muito rica, com a presença de nascentes, córregos e um rio principal, o qual fornece nome para o bairro, e ao redor destes se nota a presença constante de vegetação ripária, vinculada especialmente pela legislação ambiental vigente.

Ao se analisar a paisagem do bairro São Joaquim percebe-se que os fatores físicos têm uma influência direta nas atividades econômicas ali praticadas. O terreno declivoso,

em meio as áreas mais planas, faz com que agropecuária seja atividade predominante entre os moradores.

Ao caminhar pela estrada principal se nota o grande vazio populacional, onde se tem grandes trechos de estrada em que não se encontra moradores, em contrapartida se tem a concentração maior de famílias em apenas algumas áreas.

Diante destes fatos se pode considerar que a paisagem do bairro São Joaquim começou a ser construída a partir do momento em que houve um aumento populacional, ou seja, a intervenção do homem no meio ambiente, deixando de ser uma paisagem apenas natural e passando a adquirir elementos econômicos, sociais, religiosos e culturais. E apesar de não apresentar mais a mesma dinâmica populacional, no bairro São Joaquim, a paisagem ainda carrega as marcas dos processos históricos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria G. de; VARGAS, Maria A. M.; MENDES, Geisa F. Territórios, Paisagens e Representações: um diálogo em construção. **Revista Mercator**, Fortaleza, vol. 10, no 22, p. 23-35, 2011.

AMBACK, Adriana. **Pé Vermelho do Paraná: A história de Odílio Balbinotti**. São Paulo: DBA Dórea Books and Art, 2010.

BACKES, G. O ciclo produtivo de hortelã no oeste do Paraná: outras memórias. **Revista História em Reflexão**, Dourados, vol. 2, no 4, jul/dez, p.1-11, 2008.

CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense-1900/1970**. Curitiba: Editora Grafipar, 1981.

CAVACO, Carminda. As Paisagens Rurais: do "Determinismo Natural" ao "Determinismo Político?". **Finisterra**, Revista Portuguesa de Geografia, Lisboa, vol. 40, no 79. p. 73-101, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Apresentando Leituras sobre Paisagem, Tempo e Cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

FUNDAÇÃO IPARDES. **Estudos para o desenvolvimento de atividades agrícolas e industriais integrados**, projetos especiais – menta. Curitiba, 1977.

LA BLACHE, Paul Vidal de. Da Interpretação das Paisagens. Tradução: Guilherme da Silva Ribeiro. **Revista Mercator**, Fortaleza, vol. 07, no 13, p. 149-151, 2008.

MORO, Dalton Aureo. A Modernização da Agricultura Paranaense. In: VILLALOBOS, Jorge Guerra (Org.). **Geografia Social e Agricultura no Paraná**. Maringá: Programa de Pós-graduação em Geografia – UEM, 2001.

PARANÁ. **Lei nº 4245**, de 25 de julho de 1960. Cria no Quadro Territorial do Estado, os municípios que especifica. Diário Oficial do Estado do Paraná , no 119, Curitiba, PR, 28 jul. 1960.

PASSOS, Messias Modesto dos. **Biogeografia e paisagem**. Maringá: Programa de Pós-graduação em Geografia – UEM, 1998.

PASSOS, Messias Modesto dos. A conceituação de Paisagem. **Formação**, Presidente Prudente, vol. 01, no 3, 131-143, 1996.

ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. Geomorfologia Aplicada aos EIA`s-RIMA`s. In: GUERRA, Antonio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da (org.). **Geomorfologia e Meio Ambiente**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.